

## Assédio moral é crescente no Banco do Brasil

O assédio moral é uma prática constante no Banco do Brasil. É o que indica um levantamento que está sendo feito pelo Sindicato dos Bancários com base em relatos de funcionários do banco que atuam em diversas agências em todo o Espírito Santo. Há casos de gestores que ameaçam funcionários de descomissionamento caso não sejam atingidas as metas estabelecidas; que humilham os bancários chamando-os de incompetentes, desorganizados ou lerdos; que tratam seus subordinados de forma grosseira e fazem insinuações do tipo "se não estão satisfeitos, há uma fila de pessoas interessadas em trabalhar no banco". O Sindicato recebeu denúncia de que colegas de uma mesma agência foram "proibidos" de almoçar juntos, sob o pretexto de que poderiam estar se organizando para se rebelarem contra a gerência, inclusive.

Durante a Campanha Salarial a situação ficou ainda mais preocupante. Gestores de várias unidades do BB ligaram para seus empregados para pressioná-los a ir trabalhar sob ameaças de perda do emprego, transferência ou descomissionamento. Há casos de gestores que fizeram reunião de equipe após a greve para questionar, de forma autoritária e arrogante, a atuação daqueles funcionários que participaram das paralisações.

De acordo com a diretora do Sindicato e funcionária do BB Goretti Barone, a atuação arbitrária desses gestores, além de ferir o direito de greve dos

trabalhadores, tem causado o adoecimento de muitos empregados. "O estresse cotidiano, gerado por atitudes como essas, tem feito com que muitos bancários não se sintam bem no ambiente de trabalho, gerando insatisfação, sentimentos de incapacidade e doenças como depressão", afirma.

"Muitas vezes o que acontece é que o banco não reconhece que determinadas atitudes são consideradas assédio. Por isso, hoje, mais importante do que

caracterizar e classificar essas atitudes, é preciso potencializar as ações dos trabalhadores para que consigam se defender, ou seja, para que enfrentem a situação e adquiram condições para denunciar e lutar contra esse tipo de prática", analisa Bernadeth Martins, secretária de Saúde e Condições de Trabalho do Sindicato.

De acordo com levantamento realizado pelo Sindicato, de janeiro de 2007 a novembro deste ano, a entidade recebeu aproximadamente quarenta e cinco bancários com problemas

de saúde, desses, pelo menos vinte e três, ou seja, 51% dos casos, apresentam problemas relacionados ao assédio. Para Goretti Barone, esses números, embora sejam expressivos, ainda não representam o que de fato acontece nas agências. "Os empregados assediados têm muito medo de denunciar. Os que chegam a procurar o Sindicato são os casos em que o assédio provocou adoecimento grave com necessidade de afastamento", explica Barone.



### O QUE O BB DIZ

#### Na busca por resultados, gestores praticam assédio

O gerente geral da Gerência de Pessoas do Banco do Brasil no Espírito Santo, Miguel Arruda, atribui o que chama de "excessos" por parte de alguns gestores ao despreparo para a função. "Acredito que nem todos os nossos gestores estão conseguindo conciliar a busca por resultados e um bom clima de trabalho, daí os excessos", explica Arruda.

Segundo ele, "o Banco tem se preocupado bastante e tem feito alguns programas para evitar o problema do assédio. Na última Campanha Salarial, por exemplo, se comprometeu a incluir essa discussão em todos os Programas dos cursos de gerenciamento de pessoal e relacionamento interpessoal. Recentemente criamos o Programa Diálogos, cujo tema não é o assédio moral, mas sim a importância do respeito nas relações trabalhistas".

O gerente acrescentou: "No momento em que o BB falou para o administrador que o foco era o resultado, alguns gestores não estavam preparados e foram atrás desses resultados a qualquer custo. Hoje, o banco quer continuar tendo resultados, mas um resultado em que o relacionamento com os funcionários e colaboradores se baseie na ética e no respeito. Para isso, precisamos de um tempo para que esses administradores se adequem à nova realidade".

Embora admita que alguns administradores usam a "pressão exagerada para atingir suas metas", Arruda afirma que esta prática não é recomendada pelo banco: "Às vezes, no afã de atingir as metas e os objetivos do banco, ele se excede e acaba cometendo um equívoco em nome do banco", destaca.

### O que é assédio moral?

O assédio moral ou violência organizacional está cada vez mais presente no cotidiano do trabalhador. É resultado da forma de organização do trabalho, da busca incessante de lucros por parte dos banqueiros, que se revela na pressão absurda por metas, resultados e produtividade.

O assédio moral está vinculado às relações de poder nos ambientes de trabalho, que pode ou

não produzir situações humilhantes ou constrangedoras para os trabalhadores. Manifesta-se por uma violência moral, quando trabalhadores são vítimas de práticas cotidianas agressivas e abusivas nos ambientes de trabalho. Como efeito pode produzir processos de adoecimento físico e psíquico. Mas só haverá vítima ou assediador se não houver resistência.

# Lateralidade: prejuízo para clientes e bancários

**Os gestores não devem ser coniventes com a possibilidade de burla que o próprio sistema permite**

**A** lateralidade, mecanismo criado pela direção do Banco do Brasil para acabar com o pagamento das substituições no local de trabalho, só traz prejuízos, tanto para clientes como para os bancários. Os trabalhadores porque, muitas vezes, são obrigados a assumir atribuições que não são suas sem receber por isso. Já os clientes, se dependerem apenas na normatização feita pelo Banco do Brasil, terão mais dificuldades para resolver seus assuntos financeiros.

“O banco não aceita rever a lateralidade, por isso temos que mostrar à direção do BB os prejuízos desse mecanismo”, afirma a diretora do Sindicato Goretti Barone. Uma forma de revelar a “cilada” que é a lateralidade é cumprir a norma do banco na íntegra. Ou seja, se o superior não está na agência, nenhum subordinado deve assumir suas atribuições.

Na prática, no entanto, o bancário esbarra no compromisso com o cliente. “A gente trabalha um cliente durante meses; no momento de fechar uma operação, por causa de uma confirmação que não pode ser feita pela ausência do responsável, vamos perder o negócio?”, questiona um bancário que não será identificado para evitar represálias.

Apesar desse conflito que vive o bancário, o melhor para a instituição e para o trabalhador é cumprir à risca a normatização da lateralidade. O próprio banco conta com o jeitinho dos funcionários bem intencionados para burlar as normas. O sistema do BB permite, por exemplo, que o gestor dê acesso a um aplicativo – através de senha – a um bancário que não tem aquela função.

“Os gestores não devem ser coniventes com essa possibilidade de burla que o próprio sistema permite”, avalia Goretti Barone.



## Gestores pressionam para forçar compensação das horas de greve

Depois de o Banco do Brasil ter divulgado um comunicado com informações diferentes das que constam na Convenção Coletiva sobre a compensação dos dias de greve, provocando dúvidas entre os funcionários sobre o tema, muitos administradores pressionaram os bancários a fazer a compensação a qualquer custo.

O acordo firmado entre trabalhadores e patrões para o encerramento da greve estabeleceu a compensação dos dias parados até 15 de dezembro, a critério de cada banco. Mas a reposição das horas de greve, no limite de duas diárias, deveria ser definida de comum acordo entre o bancário e o gestor, sem prejuízo para a vida normal do funcionário. “Um colega perdeu consulta e teve que pagar pela ausência. Tudo porque a chefia pressionou”, afirmou uma bancária que não será identificada para evitar repre-

sálias. Em outros casos, a cobrança pela compensação foi pública, constrangendo alguns empregados na frente de outros colegas.

A Convenção também estabeleceu que a compensação se daria através de jornada suplementar, ou seja, além da jornada normal, que vai de segunda a sexta-feira. Mas o BB chegou a anunciar que poderia convocar os bancários para o trabalho aos fins de semana ou feriados, contrariando o negociado e também a legislação.

“Pressionar o bancário para fazer a compensação é um absurdo. O direito de greve é constitucional”, reclama a diretora do Sindicato, Goretti Barone. Ela lembra, ainda, que a então direção do BB no Espírito Santo lançou mão de um instrumento jurídico, que é o interdito proibitório, para cercear o direito de greve. A ação judicial para impedir a greve foi usada apenas no Espírito Santo e em Alagoas.

## ANABB: Ceschim é eleito diretor estadual

O aposentado do BB Sebastião Ceschim foi eleito diretor da Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (ANABB) no Espírito Santo. Ele obteve 367 votos. Em segundo lugar ficou Pedro Vilaça Neto, com 262 votos, seguido por Paulo Stuck Moraes, com 87 votos. Também foram eleitos os 21 novos membros do Conselho Deliberativo e os seis do Conselho Fiscal. Dos candidatos apoiados pelo Sindicato, foram eleitos para o Conselho Deliberativo Elaine Michel e Isa Musa. Já para o Conselho Fiscal foi eleita Vera Lúcia Melo.

“Agradeço de coração os votos dos colegas do BB”, afirmou Ceschim, que tomará posse no dia 9 de janeiro. À frente da ANABB, ele pretende ser o elo entre os funcionários e as entidades que os representam. Também é compromisso de Ceschim buscar novos convênios para os associados, especialmente na área de educação.



CORBEO

**BANCÁRIO**

Informativo do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo  
Rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - 29016-340  
Tel: (27) 3331-9999, Colatina (3722-2647), Cachoeiro,  
(3522-7975) e Linhares (3264-1329)

**Presidente:** André Sabino

**Diretor de Imprensa:** Idelmar Casagrande

**Editora:** Sueli de Freitas - MTb 537/92

**Editoração:** Jorge Luiz - MTb 046/96

**Impressão:** Gráfica Ita

**E.mail:** secretariageral@bancarios-es.org.br

**Tiragem:** 2.000 exemplares

**Distribuição gratuita**



[www.bancarios-es.org.br](http://www.bancarios-es.org.br)

# Incorporações estão na pauta das mesas temáticas

Sérgio Cardoso

**A**s fusões e incorporações no setor financeiro estão na pauta das mesas temáticas de negociações com a direção do Banco do Brasil. Os temas foram definidos no Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais do Banco do Brasil, realizado no início de dezembro, em São Paulo. Também estarão em discussão temas como PCCS, saúde, previdência e terceirização. A instalação de mesas temáticas está prevista no Acordo Coletivo 2008. Os sindicatos têm até o dia 5 de janeiro para indicar os membros para os grupos de trabalho.

Simultaneamente às mesas temáticas, prosseguirão as negociações permanentes com o BB sobre condições de trabalho, o que inclui assédio moral, metas abusivas, lateralidade, jornada de trabalho entre outros temas. “A partir dos relatos feitos durante o Encontro Nacional, fica claro que as condições de trabalho estão péssimas em todo o país. Cada dia mais os funcionários do BB estão sendo cobrados pelos clientes, às vezes de forma mais dura, por conta do atendimento demorado. Temos muito o que discutir nessas mesas”, diz a diretora do Sindicato Goretti Barone, que esteve em São Paulo. Ela lembra que a instituição das mesas temáticas foi uma conquista da Campanha Salarial deste ano, mas que só com mobilização as negociações terão resultados efetivos.

Além dos dirigentes do BB, foram convidados para o Encontro Nacional bancários da Nossa Caixa e do Besc, recentemente incorporados pelo banco federal. No evento foi aprovada a realização do XX Congresso Nacional do Funcionalismo entre os dias 27 e 29 de março, em local a ser definido pela Contraf/CUT.

Ainda durante o encontro, a economista do Dieese – Subseção Sindicato dos Bancários do Distrito Federal – Ana Quitéria Nunes Martins falou sobre os processos de fusão e incorporação, que favorecem a centralização do sistema financeiro. Segundo ela, os bancos vão sempre buscar otimizar recursos e a lógica é sempre a redução dos quadros de pessoal.



OS BANCÁRIOS DA AGÊNCIA EMPRESARIAL PARARAM PELA PRIMEIRA VEZ

## Greve no BB: lição de mobilização

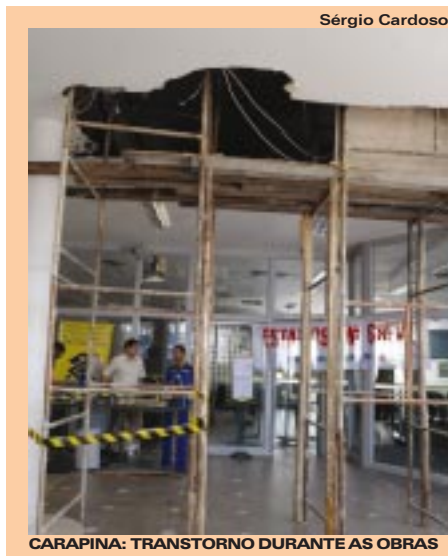
A greve dos bancários do Banco do Brasil em 2008 vai ficar na história pela ampla adesão durante os 15 dias de paralisação. Na Grande Vitória, foram fechadas 100% das agências, incluindo unidades importantes para o banco como a agência Empresarial Vitória, que pertence ao Pilar Atacado do Banco do Brasil, segmento que atende a grandes empresas. Foi a primeira vez em seis anos de existência da agência Empresarial Vitória que os funcionários aderiram em massa à paralisação, motivados pela questão salarial e também pelas condições precárias de trabalho.

Nas portas das agências, conversando com os clientes e alguns colegas resistentes à paralisação, estavam diretores do Sindicato, bancários de base e delegados sindicais, numa demonstração de que a

mobilização é dever de todos os bancários.

“A intenção do delegado sindical é mobilizar a categoria e tentar chamar a atenção para o papel do Sindicato. A entidade precisa da gente, pois é feita pela base e não por diretores. As melhorias só acontecem a partir do momento em que todos nós nos articulamos para reivindicá-las”, avalia a delegada sindical Rosane Almeida Oliveira, da agência Glória.

Para André Abreu de Almeida, delegado sindical da agência Empresarial Vitória, o papel do delegado sindical numa greve é fazer com que os colegas participem do movimento e se conscientizem da importância da união da categoria. “Disseminar na base que os bancários devem pensar como bancários e não como banqueiros”, afirmou.



Sérgio Cardoso

## Grande Vitória vai ganhar seis novas agências do BB

Em visita ao Sindicato no dia 8 de dezembro, o novo superintendente do BB no Espírito Santo, Luís Carlos Moscardi, informou que o projeto de expansão do banco prevê a criação de seis novas agências na Grande Vitória. Outras unidades vão mudar de local. Os diretores do Sindicato cobraram medidas para minimizar os transtornos provocados pelas obras nas agências já existentes. É o caso, por exemplo, da agência Carapina, onde os funcionários e clientes conviviam durante um bom tempo com andaimes e poeira.

O diretor do Sindicato, André Sabino, lembrou que os transtornos causados pelas obras já foram debatidos em mesa-redonda na Superintendência Regional do Trabalho (antiga DRT), inclusive. Mas pouca coisa melhorou desde então, e a situação fica ainda

mais preocupante com a política do BB de transferir o setor de engenharia para outro Estado. O superintendente disse que as obras serão acompanhadas pelos setores responsáveis do banco, de forma a provocar o menor transtorno possível. “Na agência Carapina a obra está em fase final. Agora só tem gente trabalhando no segundo andar”, afirmou Moscardi.

O Sindicato também cobrou medidas de segurança nas agências, como a instalação das portas eletrônicas antes do auto-atendimento. Outra reivindicação foi uma maior intervenção da Superintendência para coibir os casos de assédio moral nas unidades de trabalho, fruto das metas e pressão por produção.

## MANIFESTO AOS ASSOCIADOS DA CASSI

"UM SONHO QUE SONHAMOS JUNTOS"

## Um convite à reflexão

A CASSI é um sonho sonhado junto por vários colegas, há mais de sessenta anos, e que tem por escopo o princípio da solidariedade. "Quem pode mais, paga mais". O objetivo perseguido é um só: atenção à saúde qualificada e igualitária. Um plano de assistência com o qual nos sintamos em casa, acolhidos e confortados na hora da necessidade, não apenas um número na burocracia fria e impessoal dos regulamentos. Uma realidade na qual o HUMANISMO impere. Diz-se que um sonho sonhado junto tem mais possibilidade de se concretizar. Para que a Cassi se perpetue como imaginada, continuemos sonhando e lutando juntos.

Somos forçados, entretanto, a nos render ante a evidência de que a nossa Cassi passou à condição de vítima, após ser submetida recentemente, pelo patrocinador, Banco do Brasil a um processo de estrangulamento, por conta do "enxugamento" ao qual o Banco se entregou avidamente, em clara amostragem de que o seu objetivo era o de deixar o caminho livre para uma eventual privatização.

Esse movimento ganhou força a partir de 1996 no programa de reestruturação encetado pelo Banco denominado "O BANCO DO BRASIL NA HORA DA VERDADE", gerando "resultados auspiciosos" para o seu ativo, dentre os quais podemos destacar:

- 01.** Redução na folha de pagamento em decorrência da não-concessão de reajustes salariais e adoção de abonos salariais a contar de 1995.
- 02.** Instituída a rotatividade da mão-de-obra (turn over), o Banco foi o que mais demitiu, sem justa causa, no exercício de 1996: MÉDIA DE 56 DEMISSÕES DIÁRIAS.
- 03.** O sistema de "remuneração variável" substituiu, catastróficamente, o consagrado Plano de Cargos e Salários, orgulho e ambição de tantos quantos almejavam a carreira de bancário do BB, cujas marcas estão cravadas nos anais da HISTÓRIA deste Banco de duzentos anos.

Na esteira dessas medidas, foi patente o reflexo que veio pousar nos escaninhos da Cassi. Reformados os seus Estatutos, "a mando do Banco", emergiram, de pronto, medidas "saneadoras" logo implantadas, "sob a bandeira do Banco", as quais se constituíram em:

- 01.** Redução no valor da contribuição patronal e ELEVAÇÃO na dos associados, de 1% para 3%.
- 02.** Transferência para a Cassi das folhas salariais e encargos dos funcionários lotados no CEASP e DEASP.
- 03.** Transferência para a Cassi, dos serviços executados, até então, sem ônus, por funcionários do BB.
- 04.** Desobrigou-se de suas responsabilidades em relação aos dependentes, inclusive os indiretos.
- 05.** Transformou a Cassi em empresa e passou a cobrar-lhe aluguel pela ocupação de suas dependências.
- 06.** Aumento considerável dos casos de doenças ocupacionais, em função da reestruturação do BB; gerando mais ônus para a CASSI.

Em função dessas medidas e após três anos de

convivência com essa nova modalidade operacional, os auditores independentes, ao fim desse período, houveram por bem exarar "PREOCUPAÇÕES QUANTO À POSSIBILIDADE DE A CASSI CONTINUAR AS SUAS OPERAÇÕES".

Infere-se daí, facilmente, que a prática dessas medidas veio a influir, de modo contundente, na delicada situação que a Cassi experimentou - e, quiçá, ainda experimenta - deixando a todos nós, associados e assistidos, com uma acentuada dosagem de preocupação.

Na rota e no desejo de passar algumas informações aos nossos associados, temos também a necessidade de levar à cúpula da Cassi os exaustivos anseios que todos nós, assistidos, temos clamado, em vão, aos ventos soltos, quais sejam:

- 01.** A abolição do processo não-desejável do nocivo distanciamento vigorante entre a Cassi e os seus associados.
- 02.** A consagração de que a Cassi não se constitui em um plano de saúde voltado para a obtenção de lucros, porquanto, no seu contexto, o objetivo principal é o de assistir os funcionários do Banco do Brasil e seus dependentes.
- 03.** Alheamento sobre decisões que são tomadas, à distância do corpo social, e à revelia deste, que possam ir de encontro aos interesses daqueles que, de certa forma, se "passam" pela singela designação de "somos os donos da Cassi".
- 04.** Apesar de institucionalizado, reina certa insatisfação em relação à exata definição do papel do Conselho de Usuários, sabido que lhe é imputado o mister de interface no binômio "Cassi-Usuários", conforme estatuto em vigor.
- 05.** Impõe-se que a "Nova Estrutura Organizacional" contemple a ampliação e o desenvolvimento do "Modelo de Atenção Integral à Saúde", em obediência à exigência da parte patrocinadora para o aporte dos trezentos milhões de reais.
- 06.** Impõe-se saber, também, se esse aporte - cuja metade já foi injetada nos cofres da Cassi - está sendo devidamente conduzido às metas previamente definidas e equacionado o escalonamento das parcelas restantes.

A ampliação e a melhoria no Programa Estratégia Saúde da Família não têm se refletido na unidade local, e talvez nas demais, que faz "das tripas coração" para continuar atendendo condignamente aos associados, levando-nos a algumas considerações, quais sejam:

A ampliação e a melhoria no Programa Estratégia Saúde da Família não têm se refletido na unidade local, e talvez nas demais, que faz "das tripas coração" para continuar atendendo condignamente aos associados, levando-nos a algumas considerações, quais sejam:

- 01.** A grande rotatividade no seu quadro de pessoal, tanto de funcionários, quanto de estagiários, gera descontinuidade na qualidade da assistência prestada à população assistida.
- 02.** A delonga na implantação no Plano Odontológico e na Política Farmacêutica, promessas de campanha, ainda não cumpridas, constitui-se em mais um descaso da Cassi aos seus associados e assistidos, sendo objeto de procedentes reclamos que constantemente batem às portas deste Conselho de Usuários da Cassi ES.

**03.** Trazendo a matemática para o arrazoado dos não-benefícios que a Cassi-Vitória tem distribuído, estamos "adicionando" a "diminuição" promovida na carga horária dos médicos de família ali lotados, com evidentes prejuízos para tantos quantos demandam em busca de serviços profissionais especializados, valendo ressaltar que o maior contingente está nas pessoas dos aposentados e pensionistas, muitos dos quais em idades avançadas.

**04.** A Vigilância Sanitária da Prefeitura de Vitória "lacrou" a Central de distribuição de medicamentos, alegando o não-cumprimento de exigências legais, dentre as quais a presença de um farmacêutico responsável. O reflexo desta medida atinge principalmente os colegas menos favorecidos, muitos dos quais sem a mínima condição de despender recursos próprios para cobrir tais gastos, geralmente elevados.

Nós somos associados da Cassi. E vamos mais além. Nós somos do Conselho de Usuários da Cassi. Estribados nesta última colocação, sentimo-nos no dever de nos fazer presentes ante o digno corpo associativo da nossa entidade, para expender essas considerações que estão batendo frontalmente contra os sadios propósitos que nortearam a sua criação e, por conseqüência, a dos vários Conselhos de Usuários disseminados pelo país.

Esforços extenuados vêm nos impelindo a levar avante a missão para a qual este Conselho foi eleito. Todavia, muito a contragosto, estamos aqui para dizer-lhes que os nossos esforços têm sido, quase sempre, baldados, ante o desencanto que vem, silenciosamente, rondando as nossas posições e também ante o descrédito e o desprestígio a que são submetidos os Conselhos junto aos órgãos diretores da Cassi.

Ao término deste "convite à reflexão", afiançamos que continuaremos a desenvolver gestões para levar nossos anseios aos dirigentes da Cassi. Permitimo-nos transcrever, a seguir, a colocação que nos veio ter às mãos através da unidade congênera da Bahia: "CONVIVEMOS COM PESSOAS QUE LUTAM PARA QUE AS COISAS ACONTEÇAM, COM PESSOAS QUE NÃO DEIXAM QUE AS COISAS ACONTEÇAM E COM PESSOAS QUE PREFEREM O ANONIMATO, BUSCANDO SABER, DEPOIS, O QUE ACONTECEU." Pensamento inteligente, legitimamente voltado para o que hoje espelha uma boa parte da humanidade.

Este Conselho se vê no dever de agradecer às entidades abaixo e que honrosamente subscrevem este manifesto, pelas manifestações de apoio que se dignaram emprestar a este relatório-desabafo, cujas reivindicações aqui expendidas serão encaminhadas aos dirigentes da Cassi e divulgadas a todos os usuários.

VITÓRIA (ES), 19 de setembro de 2008.

Conselho de Usuários Cassi ES  
AFABES | CREDBRASIL | Sindicato dos Bancários